

o uivo do demónio
kim harrison

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

CHÁ
DAS
CINCO 
Livros com sexto sentido

*Para o homem que sabe que quanto
mais as coisas mudam, mais estranhas se tornam.*



Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Mike Spradlin, não só pela ideia para o título como pelo apoio que, há muito, vem dando a Hollows, um apoio precioso nos primeiros anos e que continua a ser muito apreciado. Como sempre, gostaria ainda de agradecer ao meu agente, Richard Curtis, e à minha editora, Diana Gill, cuja atenção e perícia combinadas, em trazer um novo mundo para a luz do dia, é cada vez mais valorizada.



Um

INCLINEI-ME SOBRE O BALCÃO DE VIDRO, FRANZINDO O SOBROLHO AO PREÇO das varinhas de pau-brasil de elevada qualidade, guardadas na segurança dos seus caixões de vidro estanques, quais Brancas de Neve. As pontas do meu cachecol deslizaram, impedindo-me de as ver e preendi-as dentro do casaco curto de cabedal. Não devia estar a ver varinhas. Não tinha dinheiro mas, ainda mais importante, não estava a fazer compras para o trabalho... estava a fazer compras por prazer.

— Rachel? — chamou a minha mãe do outro lado da loja, sorrindo enquanto apontava para um expositor de plantas orgânicas embaladas. — Que tal Dorothy? Punhas o Jenks peludo e ele podia ser o Toto.

— Nem pensar! — exclamou Jenks, sobressaltando-me quando levantou voo do meu ombro, onde se tinha aninhado aproveitando o calor do meu cachecol. O pó de *pixy* dourado soltou-se dele, formando um raio de sol temporário sobre o balcão e iluminando a tarde cinzenta. — Não vou passar o Halloween a distribuir doces mascarado de cão! E nem pensem em Wendy e Sininho! Vou vestir-me de pirata! — As asas de Jenks abrandaram, enquanto pousava no balcão, ao lado do expositor de varas de pau-brasil de baixa qualidade próprio para amuletos. — Combinar fatos é parvo.

Normalmente estaria de acordo, mas desta vez afastei-me do balcão, em silêncio. Jamais teria dinheiro suficiente para uma varinha. Além disso, a versatilidade era essencial na minha profissão e as varinhas eram maravilhas de um único feitiço.

— Vou mascarar-me de personagem principal feminina do mais recente filme de vampiros — disse à minha mãe. — Aquele em que a caçadora de vampiros se apaixona pelo vampiro?

— Vais de caçadora de vampiros? — perguntou a minha mãe.

Corando, retirei um amuleto não invocado de um expositor de artigos de beleza: precisaria de aumentar o tamanho do peito. Tinha ancas

suficientemente largas para passar pela atriz que estava a tentar imitar, mas a minha falta de peito não poderia rivalizar com o seu busto realçado por um feitiço. E só podia ser realçado por um feitiço. As mulheres de peito naturalmente grande não corriam como ela.

— Não, a vampira — respondi, envergonhada. Ivy, a amiga com que partilhava a casa, ia como a caçadora e, embora concordasse que coordenar máscaras era uma coisa parva, sabia que eu e Ivy íamos fazer calar todas as conversas quando chegássemos à festa. E a ideia era essa, não era? A noite de Halloween era a única noite em que os encantamentos de duplos eram legais e os Inderlanders, bem como os elementos mais corajosos da raça humana, aproveitavam ao máximo.

O rosto da minha mãe ficou sério, mas depois sorriu.

— Oh! A de cabelo preto, certo? Do fato de puta? Deus do Céu, não sei se a minha máquina de costura consegue coser cabedal!

— Mãe! — protestei, ainda que já estivesse habituada à sua linguagem e falta de tato. Se lhe passava pela mente, saía-lhe pela boca.

Olhei de relance para a empregada ao seu lado, mas era óbvio que esta já conhecia a minha mãe e não ficara minimamente chocada. Ver uma mulher, vestida com umas calças de bom corte e uma camisola de angorá, a praguejar como um marinheiro tendia a deixar as pessoas desorientadas. De qualquer forma, já tinha o fato no armário.

Franzindo o sobrolho, a minha mãe tocou nos amuletos para mudar a cor do cabelo.

— Anda cá, querida. Vamos ver se têm aqui alguma coisa capaz de vencer os teus caracóis. Sinceramente, Rachel. Escolhes sempre as máscaras mais complicadas. Porque é que nunca te podes mascarar de algo simples, como um trol ou uma princesa fada?

Jenks soltou uma risadinha.

— Porque isso não seria suficientemente desavergonhado — disse o *pixy*, suficientemente alto para que eu o ouvisse mas não a minha mãe.

Lancei-lhe um olhar sério e ele dirigiu-me um sorriso afetado, enquanto voava para trás na direção do expositor das sementes. Embora só tivesse cerca de dez centímetros de altura, não deixava de ter um aspeto atraente, com as suas botas de sola macia e o cachecol vermelho que Matalina, a sua esposa, lhe fizera e que trazia agora em redor do pescoço. Na primavera anterior, tinha usado uma maldição demoníaca para lhe dar tamanho humano e a recordação da sua figura atlética de um jovem de dezoito anos, de cintura fina e ombros largos e musculados, tornados fortes pelas asas de libelinha, ainda estava muito fresca na minha memória. Tratava-se de um *pixy* muitíssimo casado, mas a perfeição merecia atenção.

Jenks voou, veloz, sobre o meu cestinho de compras e uma embala-

gem de sementes de feno para as dores de asas de Matalina caiu no seu interior. Vendo o amuleto para realçar o peito, a expressão do seu rosto tornou-se verdadeiramente diabólica.

— Por falar em desavergonhado... — começou.

— Bem dotada não é o mesmo que desavergonhada, Jenks — disse eu. — Cresce. É para a minha máscara.

— Como se servisse de alguma coisa! — O sorriso de Jenks deixava-me furiosa, tal como a sua pose de Peter Pan, de mãos nas ancas. — Seriam precisos dois ou três, só para se notar qualquer coisa. Tábua de engomar.

— Cala-te!

Na outra ponta da loja, a minha mãe, alheia a tudo, prosseguia.

— Preto asa de corvo, certo? — Virei-me e vi que a cor do seu cabelo se ia alterando, à medida que ela ia tocando nos amuletos de amostra já invocados.

O seu cabelo era tal como o meu. Mais ou menos. Eu usava o meu comprido, a sua ondulação ruiva e selvagem abaixo dos ombros, mas ela mantinha o seu sob controlo graças a um corte curto. Por outro lado, os nossos olhos eram do mesmo verde e eu herdara a sua aptidão para a magia de terra, desenvolvida e profissionalmente reconhecida numa das faculdades da cidade. Na verdade, a minha mãe tinha mais estudos do que eu, mas muito poucas ocasiões para os usar. A noite de Halloween apresentara-se-lhe sempre como uma oportunidade para exhibir os seus consideráveis conhecimentos em magia de terra perante as mães da vizinhança, de onde retirava uma modesta sensação de vingança, e acho que gostara que lhe tivesse pedido ajuda naquele ano. Nos últimos meses parecera-me melhor e não podia deixar de me perguntar se isso se deveria ao facto de eu estar a passar mais tempo com ela ou se só me parecia mais estável porque não a visitava apenas quando estava com problemas.

O sentimento de culpa deslizou através de mim e, dirigindo um olhar assassino a Jenks para que parasse de cantar sobre senhoras de peito farto que tentavam atar os sapatos, avancei por entre as prateleiras de plantas e os expositores com amuletos já preparados, cada um com um autocolante específico a identificar o seu fabricante. A criação de amuletos continuava a ser uma indústria caseira, apesar do elevado nível de tecnologia disponível para limar todas as arestas, mas de regulação apertada e licenciamento rígido. O mais certo era que a dona da loja fabricasse apenas alguns dos feitiços que vendia.

Seguindo as direções da minha mãe, fui segurando um amuleto de cada vez, para que ela pudesse avaliar a minha aparência. A empregada respondia com “ohs” e “ahs”, tentando forçar-nos a tomar uma decisão; contudo, há anos que a minha mãe não me ajudava com uma máscara e

íamos estender aquela tarefa noite dentro, terminando com café e bolos numa pastelaria cara. Não é que eu tentasse ignorar a minha mãe, mas a minha vida tendia a interferir. Muito. Durante os últimos três meses, tinha feito um esforço para passar mais tempo com ela, tentando ignorar os meus próprios fantasmas e esperando que ela não fosse tão... frágil. Além disso, há algum tempo que ela não me parecia tão bem. O que me deixava cada vez mais convencida de que era uma treta de filha.

Encontrar a cor certa para o cabelo foi fácil e acenei quando os meus caracóis ruivos ficaram de um preto tão profundo que quase parecia azul. Satisfeita, coloquei um amuleto embalado e por invocar no cestinho, de forma a esconder o amuleto para realçar o busto.

— Tenho em casa um feitiço para tornar o teu cabelo liso — disse a minha mãe, alegremente, e virei-me para ela com uma expressão inquisitiva. Tinha descoberto, logo no quarto ano, que os feitiços prontos a usar não funcionavam nos meus caracóis. Por que raio é que ela ainda guardava aqueles encantamentos de difícil execução? Há anos que eu não alisava o cabelo.

O telefone da loja tocou e, quando a empregada se afastou com um pedido de desculpas, a minha mãe deslizou para mais perto de mim, sorrindo enquanto tocava na trança que os filhos de Jenks me tinham feito nessa manhã.

— Passei todos os teus anos de liceu a aperfeiçoar aquele encantamento — disse ela. — Achavas que o ia deixar de fazer?

Sentindo-me preocupada, olhei de relance para a mulher ao telefone: a que, obviamente, conhecia a minha mãe.

— Mãe! — sussurrei. — Não os podes vender! Não tens licença!

Cerrando os lábios, levou o meu cestinho até ao balcão, claramente irritada.

Exalando, olhei para Jenks, sentado no expositor, e este encolheu os ombros. Segui, lentamente, os passos da minha mãe, perguntando-me se a tinha negligenciado mais do que pensava. Por vezes, ela fazia as coisas mais estranhas. Íamos falar sobre aquilo enquanto bebíamos café. Sinceramente, ela já devia saber.

Enquanto fazíamos compras, as luzes de rua tinham-se acendido e o chão brilhava com o dourado e o púrpura das luzes festivas sob a chuva. Parecia frio e, enquanto me aproximava da caixa, ajeitei o cachecol para Jenks.

— Obrigado — murmurou o *pixy*, enquanto aterrava no meu ombro.

As asas de Jenks tremeram, tocando ao de leve no meu ombro, enquanto ele se instalava. Em outubro fazia demasiado frio para sair mas, com o jardim adormecido e Matalina a precisar de sementes de feno, não lhe restara outra opção senão arriscar uma viagem à chuva até uma loja

de encantamentos. *Jenks enfrentaria qualquer coisa pela sua mulher*, pensei, enquanto esfregava uma comichão no nariz.

— O que dizes de irmos à pastelaria a dois quarteirões daqui? — sugeriu a minha mãe, enquanto o *bip, bip* monótono dos códigos de barras a serem lidos, se erguia sobre os cheiros telúricos da loja.

— Agarra numa madeixa de cabelo, Jenks. Vou espirrar — avisei, e o *pixy*, murmurando coisas que me sentia feliz por não conseguir ouvir, voou para o ombro da minha mãe.

Foi um espirro maravilhoso, limpando os meus pulmões e merecendo um “santinho” da empregada. Contudo, foi seguido por outro e quase não tive tempo para me endireitar quando fui agitada por um terceiro. Respirando devagar para adiar o espirro seguinte, olhei para Jenks, desolada. Só havia uma razão para espirrar daquela maneira.

— Maldição — sussurrei, olhando de relance para a montra enorme; o Sol já se tinha posto. — Dupla maldição.

Virei-me para a empregada, que ensacava os artigos. Não tinha o círculo de invocação comigo. Tinha partido o primeiro e o atual estava ensanduichado entre os livros de feitiços, sob a bancada da cozinha. *Maldição, maldição, maldição!* Devia ter feito um de tamanho compacto.

— Desculpe...? — balbuciei, aceitando o lenço que a minha mãe tirara da mala e me estendia. — Vende círculos de invocação?

A mulher fitou-me, claramente ofendida.

— Claro que não. Alice, disseste-me que ela não lidava com demónios. Leva-a para *fora* da minha loja!

A minha mãe bufou, irritada, depois o seu rosto assumiu uma expressão persuasiva.

— Patrícia — disse, tentando convencê-la. — A Rachel não invoca demónios. Os jornais imprimem o que vende, mais nada.

Voltei a espirrar, desta vez com tal violência que me doeu. Raios. Tínhamos de sair dali.

— Atenção, Rachel — disse Jenks e eu ergui os olhos a tempo de apanhar um pau de giz magnético, ainda envolto em celofane, que o *pixy* deixara cair. Lutando para rasgar o invólucro, tentei lembrar-me do complexo pentagrama que Ceri me ensinara. Minias era o único demónio que sabia que eu tinha uma ligação direta para a eternidade e se não lhe respondesse, podia atravessar as linhas à minha procura.

Senti uma dor lancinante, vinda de lado nenhum. Dobrada ao meio, arqueei perante o ataque e afastei-me do balcão. *Que diabo? Não é suposto doer!*

Jenks ergueu-se até ao teto, deixando para trás uma nuvem de pó prateado, como um polvo que liberta a sua tinta. A minha mãe virou as costas à amiga.

— Rachel? — inquiriu, os olhos verdes muito abertos, enquanto eu me dobrava ao meio e agarrava o pulso.

O giz escorregou-me da mão, quando esta ficou dormente. Parecia que tinha o pulso em chamas.

— Saiam daqui! — gritei, e as duas mulheres fitaram-me como se eu estivesse a enlouquecer.

Todas saltámos, quando a pressão atmosférica se alterou violentamente. Com um zumbido nos ouvidos, ergui os olhos, o coração a bater veloz e a respiração sustida. Ele estava ali. Não conseguia ver o demónio, mas ele estava ali. Algures. Podia sentir o cheiro a âmbar queimado.

Vendo o giz, agarrei nele e puxei pelo invólucro de celofane, mas as minhas unhas não conseguiam encontrar o ponto de união da embalagem. Sentia-me dividida entre o medo e a raiva. Minias não tinha por que me incomodar. Eu não lhe devia nada e ele não me devia nada. E porque é que eu não conseguia abrir a porcaria da embalagem do giz?

— Rachel Mariana Morgan? — entoou o elegante sotaque britânico que esperaríamos ouvir numa peça de Shakespeare e o meu rosto gelou. — Onde é que está-á-ás? — disse a voz arrastada.

— Merda — sussurrei. Não era Minias. Era Al.

Em pânico, olhei para a minha mãe, do outro lado da loja. Estava ao lado da amiga, bela e aprumada no seu fato cor de outono, o cabelo perfeitamente penteado e os olhos marcados por algumas rugas ténues. Ela não fazia a mínima ideia do que se estava a passar.

— Mãe — sussurrei, acenando freneticamente, ao mesmo tempo que deixava algum espaço entre nós. — Metam-se num círculo. As duas! — Mas elas limitaram-se a olhar para mim. Não tinha tempo para explicar. Raios, eu própria não compreendia. Aquilo tinha de ser uma piada. Uma piada perversa e de mau gosto.

Os meus olhos foram atraídos pelo veloz matraquear das asas de Jenks, quando este veio pairar ao meu lado.

— É o Al! — disse o *pixy* num sussurro. — Rache, disseste que ele estava numa prisão demoníaca!

— Rachel Mariana Mo-o-o-o-orga-a-a-a-an — cantou o demónio e eu fiquei rígida perante o *tap-tum, tap-tum* das suas botas que chegava até mim vindo de trás de um alto expositor de livros de magia.

— Maldito *pixy* idiota e ranhoso — dizia Jenks, censurando-se a si próprio. — Está demasiado frio para levar a espada — disse, numa voz de *falsetto* trocista. — Vai congelar agarrada ao meu traseiro. É uma ida às compras, não é trabalho. — O seu tom de voz mudou, tornando-se furioso. — A Sininho que te salve, Rachel. Não consegues sequer vir às compras com a tua mãe sem invocar demónios?

— Não o invoquei! — protestei, sentindo que as palmas das minhas mãos começavam a suar.

— Pois bem, ele está aqui — disse o *pixy* e eu engoli em seco quando o demónio espreitou, trocista, do outro lado do expositor. Al soubera *exatamente* onde é que eu estava.

O demónio sorria com uma raiva trocista e profunda; os olhos vermelhos, rasgados como os de uma cabra, espreitavam por cima dos óculos escuros redondos. Envergando a habitual sobrecasaca de veludo verde, era a imagem da graça europeia, sob a forma de um jovem lorde à beira da grandiosidade. A renda dos punhos e do colarinho espreitava do casaco. As feições aristocráticas, o nariz e o queixo fortes, estavam comprimidos numa expressão de mau humor e os dentes grandes estavam expostos no sorriso de quem antecipa a distribuição de dor.

Continuei a recuar e ele saiu de detrás do expositor.

— Oh, digo eu! Isto é esplêndido! — exclamou, encantado. — Duas Morgans pelo preço de uma.

Oh, Deus! A minha mãe. O terror arrancou-me do estado de choque.

— Não podes tocar em mim nem na minha família — disse, enquanto tentava libertar o giz magnético do seu invólucro de celofane. Se conseguisse traçar um círculo, talvez o pudesse encurralar. — Prometeste-o!

O som emitido pelas suas botas cessou quando o demónio estacou, exibindo a sua graça elegante. Os meus olhos calcularam a distância entre nós. Perto de dois metros e meio. Nada bom. Contudo, enquanto estivesse a olhar para mim, estava a ignorar a minha mãe.

— Prometi, não foi? — disse ele, e quando fixou o olhar no teto, os meus ombros relaxaram.

— Rache! — guinchou Jenks.

Al mergulhou. Recuei, em pânico, e o medo apoderou-se de mim com violência, quando o demónio envolveu com a sua mão a minha garganta. Agarrei-me aos seus dedos, enterrando neles as unhas quando Al me ergueu no ar, deixando-me a balançar na ponta do seu braço esticado. O rosto escultural do demónio contorceu-se perante a dor óbvia, mas ele limitou-se a fechar ainda mais os dedos. Senti o sangue a martelar dentro da minha cabeça e fiquei mole, rezando para que ele se quisesse gabar um pouco antes de me arrastar de volta para a eternidade onde, se Deus quisesse, se limitaria a matar-me.

— Não me podes magoar — guinchei, sem saber ao certo se as centelhas nos limites do meu campo visual tinham sido provocadas pela falta de oxigénio ou se se tratava de Jenks. *Eu estou morta. Estou tão morta.*

Al emitiu um som satisfeito, um longo e grave ronco de contentamento. Sem grande esforço, puxou-me para mais perto, até as nossas respira-

ções se misturarem. Podia ver os seus olhos vermelhos atrás dos óculos e o cheiro a âmbar queimado correu através de mim.

— Pedi o teu testemunho com bons modos. Recusaste. Já não tenho qualquer incentivo para agir dentro das regras. Podes agradecer por isso às tuas vistas curtas. Eu, sentado numa cela minúscula! — Abanou-me, fazendo com que batesse os dentes. — Despido de todas as maldições e nu, com exceção do que sou capaz de dizer ou dos feitiços que sou capaz de fazer. Mas alguém me invocou — disse, malicioso. — E fizemos um acordo que te vai deixar morta e vai fazer de mim um demónio livre.

— Não tenho culpa que tivesses sido preso — guinchei. A adrenalina pulsou, fazendo-me doer a cabeça. Al não me podia levar diretamente para a eternidade sem a minha autorização; teria de me arrastar para uma linha Ley.

Alguns, no meu cérebro exausto, algo fez contacto. Al não me podia segurar e perder a forma ao mesmo tempo. Gemendo, ergui um joelho, acertando-lhe mesmo entre as pernas.

Al gemeu. Uma dor lancinante abateu-se sobre mim quando ele me atirou pelo ar e as minhas costas bateram num expositor. Arquejei, tentando respirar, segurando a garganta ferida enquanto saquinhos de ervas secas caíam sobre mim com sons suaves. Inspirando o cheiro a âmbar enquanto tossia, ergui uma mão para me proteger deles, puxando as pernas para debaixo do corpo, de forma a poder levantar-me. *Onde estava o giz?*

— Triste cria de um súcubo vendido! — gemeu Al, segurando as partes e dobrando-se sobre si mesmo, e eu sorri.

Míneas dissera-me que, como parte do castigo de Al por ter permitido a libertação da sua antiga familiar quando esta sabia como acumular energia das linhas Ley, este fora purgado dos encantamentos, feitiços e maldições que tinha acumulado ao longo de milénios. Isso deixava-o, ainda que não indefeso, pelo menos reduzido a um rol limitado de feitiços. Era óbvio que tinha passado recentemente pela cozinha, já que a sua imagem de inglês fino era um disfarce. Qual a sua verdadeira imagem era algo que não queria saber.

— O que é que se passa, Al? — trocei tolamente, limpando a boca e descobrindo que tinha mordido o lábio. — Não estás habituado a que te enfrentem?

Aquilo era um espanto. Ali estava eu, numa loja de encantamentos, e não havia nada já invocado, com exceção de feitiços de beleza e amuletos para realçar os seios.

— Toma, Rachel! — gritou a minha mãe e Al virou a cabeça.

— Mãe! — gritei, quando ela me atirou qualquer coisa. — Sai daqui!

Os olhos de Al seguiram o objeto. Fiquei rígida quando um brilho

de eternidade negra deslizou sobre ele, curando o que tinha sido ferido. O giz magnético, porém, caiu na minha mão em segurança. Inspirei para lhe gritar, mais uma vez, que se fosse embora e o brilho de um círculo de eternidade azulada ergueu-se à sua volta e da empregada, atrás do balcão. Estavam ambas em segurança.

Uma inesperada e bizarra sensação de gelo deslizou através de mim e fiquei rígida. Parecia o repenicar de um sino a reverberar através dos meus ossos. Ignorando-o, Al rugiu e saltou.

Gritando, lancei-me ao chão, escapando do seu alcance. Atrás de mim ergueu-se um estrondo quando Al voou por cima do meu corpo e caiu sobre o expositor que eu tinha derrubado. Só tinha alguns segundos. Com o braço esticado, sentei-me no chão e escrevinhei um círculo, rolando para trás e para o lado quando uma premonição desencadeada por anos de prática de artes marciais me disse que o demónio me ia tentar agarrar.

— Não desta vez, bruxa — rosnou.

De olhos muito abertos, girei sobre o traseiro. Ergui um pé para lhe bater, mas ele moveu-se com uma rapidez inumana e a minha bota bateu-lhe na palma da mão. Gelei, deitada de costas, o calcanhar preso na mão dele e o cachecol a cobrir-me o rosto. Uma boa torção e podia partir-me o pé. *Merda.*

Al perdera os óculos. Os olhos brilhavam, maliciosos, enquanto ele sorria mas, antes que se conseguisse mexer, uma explosão agitou a loja e estilhaçou as montras. Levei as mãos aos ouvidos e puxei o pé do alcance de Al. Os olhos do demónio, rasgados como os de uma cabra, abriram-se consideravelmente quando este recuou, cambaleando, mas o choque depressa se transformou em raiva.

Assustada, arrastei-me pelo chão, derrubando outro expositor e fazendo chover amuletos contra a dor. O som dos pneus no alcatrão molhado tornou-se óbvio, quando a minha audição regressou, atravessando a montra partida juntamente com os gritos das pessoas. *O que é que a minha mãe fizera?*

— Jenks! — gritei, sentindo o frio gelado da noite húmida. Estava demasiado frio. Podia fazê-lo hibernar!

— Estou ótimo! — exclamou ele, pairando numa neblina de pó vermelho. — Vamos apanhar o sacana!

Reuni forças para me levantar, depois hesitei, deixando-me ficar agachada, quando o olhar de Jenks se fixou em algo para lá de mim e o *pixy* empalideceu.

— Hum, sacanas — disse, com a voz trémula, e um novo medo instalou-se em mim quando compreendi que Al também já não se movia, antes observava o mesmo que Jenks. Por entre os sons da rua, uma onda de ozono com um toque de âmbar queimado fluiu sobre mim.

— Está outro demónio atrás de mim, não está? — sussurrei.

Os olhos de Jenks saltaram para os meus e afastaram-se.

— Dois.

Maravilha. Jenks afastou-se e eu movi-me. Tropecei no cachecol, dando um coice quando alguém me agarrou a perna. Largaram-me e, voltando a cair ao chão, virei-me. Um braço envolto em amarelo estendia-se na minha direção. Agarrando-lhe o ombro, ergui o pé para obter um ponto de apoio e lancei-o por cima de mim.

Não se ouviu qualquer estrondo; quem quer que fosse tinha-se transformado numa névoa. *Três demónios? Que raio se estava a passar?*

Irritada, levantei-me, apenas para cambalear quando um borrão vermelho passou por mim, veloz. Olhei para a minha mãe. Estava bem, lutando para se libertar dos braços da empregada que entrara em pânico, segura no interior de um círculo, enquanto a loja era destruída.

— Mandaram um segurança privado atrás de mim? — baliu Al. — Bela tentativa!

Cobri os ouvidos quando senti uma nova alteração da pressão e ele desapareceu. O demónio de vermelho que seguia na sua direção estacou. Praguejando violentamente, agitou a gadanha que levava na mão, numa inegável demonstração de raiva. A arma cortou através de uma estrutura metálica como se esta fosse feita de algodão-doce e o expositor desmoronou-se, lentamente, enquanto a empregada começava a soluçar.

Pestanejando, recuei lentamente. Os pacotes de amuletos estalavam sob os meus pés. Caramba, o monstro parecia a morte a fazer birra e saltei quando Jenks pousou no meu ombro. O *pixy* segurava um clipe forrado a plástico, esticado, e eu encontrei no seu exemplo uma nova força. Qual era o problema de ainda ali estarem dois demónios? Podia fazer qualquer coisa, desde que tivesse Jenks a proteger a minha retaguarda.

— Atrás dele! — gritou o último demónio e eu virei-me, temendo o pior. *Por favor, a Newt não! Qualquer um menos a Newt!*

— Tu! — exclamei, a respiração explodindo de mim com aquela pequena palavra. Era Minias.

— Sim, eu — rosnou Minias e eu saltei quando o demónio vermelho com a gadanha desapareceu. — Pela Lua nova de sangue, porque é que não me respondeste?

— Porque não lido com demónios! — gritei, apontando para a montra estilhaçada como se tivesse qualquer autoridade sobre ele. — Põe-te a andar daqui para fora!

O rosto macio e intemporal de Minias enrugou-se numa careta de raiva.

— Cuidado! — gritou Jenks levantando voo do meu ombro, mas eu já me tinha adiantado.

O demónio, na sua túnica amarela e chapéu engraçado, avançava a passos largos pela loja, pontapeando amuletos e ervas para os afastar do caminho. Recuei, os gritos oriundos do passeio dizendo-me quão perto estava do círculo que desenhara antes. Tinha a pulsação acelerada e sentia-me a suar. Ia ser apertado.

Num silêncio de morte, Minias avançava; os olhos, rasgados como os de uma cabra, eram de um vermelho tão escuro que pareciam quase castanhos. A túnica flutuava enquanto ele andava, parecendo um cruzamento entre o manto de um xeque do deserto e um quimono. Com um andar afetado, estendeu a mão para mim, a luz refletindo-se nos seus anéis.

— Agora! — gritou Jenks e eu fugi do alcance do demónio e rebolei sobre a linha a giz.

Eu estava fora do círculo; Minias dentro dele.

— *Rhombus!* — exclamei, batendo com a mão no giz. A minha consciência procurou a linha Ley mais próxima. O poder correu através de mim e sustive a respiração, os olhos lacrimejaram quando esta fluiu, descontrolada, o meu desejo de um círculo rápido permitindo que a energia da linha Ley me enchesse com uma força incomum.

Doía, mas cerrei os dentes e aguentei, enquanto as forças se igualavam no tempo que um eletrão demora a girar. Acordada pela palavra-gatilho, a minha mente acedeu à memória das horas de prática que tinham consolidado uma preparação e invocação de cinco minutos num abrir e fechar de olhos. Não era muito boa com a maior parte dos feitiços das linhas Ley, mas aquilo? Aquilo, eu conseguia fazer.

— Raios partam e maldita seja a tua senhora! — praguejou Minias e eu não pude deixar de sorrir quando a sua túnica se agitou até parar. Estava desfocado devido ao lençol de eternidade, fino como uma molécula, que se erguera para o encurralar no interior do meu círculo.

O ar fugiu de mim e tombei para trás, sentando-me, as palmas das mãos abertas sobre o chão de madeira e os joelhos dobrados, enquanto fitava o demónio. Prendera-o, mas a adrenalina que se desvanecia começava a fazer-me tremer.

— Rachel! — chamou a minha mãe e eu olhei para lá de Minias. Ela fitava a empregada de sobrolho franzido. A mulher recusava-se a descer o círculo protetor, soluçando e chorando. Por fim, a minha mãe fartou-se e, fazendo beicinho e mostrando o mau feitio que me tinha transmitido, empurrou a mulher contra a bolha, fazendo esta desaparecer.

A mulher, esgotada, caiu ao chão, escondendo-se atrás do balcão e uivando ainda mais alto. Endireitei-me quando o telefone foi puxado de cima do balcão e caiu com estrondo no chão. Sorrindo, a minha mãe avançou,

delicadamente, por entre os amuletos e feitiços espalhados, as mãos estendidas e o orgulho jorrando dela como uma onda.

— Estás bem? — perguntei, ao mesmo tempo que lhe tomava as mãos e ela me puxava para cima.

— Fantabulosa! — exclamou, os olhos brilhantes. — C'um caneco, adoro ver-te a trabalhar!

Tinha ervas esmagadas pelas calças todas e bati-lhes com as palmas das mãos para libertar os flocos. Havia uma multidão reunida junto à montra partida e o trânsito parara. Jenks desceu, ficando a pairar atrás da minha mãe, fazendo com um dedo um gesto que indicava que a achava maluca e eu franzi o sobrolho. A minha mãe tinha ficado mais do que um pouco fora de si quando o meu pai morrera, mas tinha de admitir que era muito mais fácil lidar com aquela descontração perante o ataque de três demónios do que com a ruidosa histeria da empregada escondida atrás do balcão.

— Saiam! — berrou a mulher quando se levantou. Tinha os olhos vermelhos e o rosto inchado. — Alice, sai daqui e nunca mais voltas! Estás a ouvir? A tua filha é uma ameaça! Devia ser presa e proscrita!

A minha mãe cerrou o maxilar.

— Fecha a boca — disse, enfurecida. — A minha filha acabou de salvar o teu traseiro. Afugentou dois demónios e prendeu um terceiro enquanto tu te escondias como uma menininha pudica que não reconheceria o lado certo de um amuleto se ele te saísse do traseiro. — Corada, virou-se com um bufar colérico e prendeu o braço no meu. Tinha na mão um saco de plástico cheio de feitiços e este bateu levemente contra mim. — Rachel, vamos embora. É a última vez que faço compras neste buraco a cheirar a mijó.

Jenks sorria, pairando à nossa frente.

— Já lhe disse, recentemente, o quanto gosto de si, Sra. Morgan?

— Mãe... as pessoas podem ouvir-te — disse, envergonhada. Deus! Ela tinha um linguajar pior que o de Jenks. Além disso não podíamos sair. Minias ainda estava dentro do meu círculo.

Esmagando com os saltos os produtos espalhados pelo chão, a minha mãe arrastou-me até à porta, a cabeça erguida e os caracóis ruivos agitando-se na brisa que entrava pela montra partida. Um suspiro cansado deslizou de mim ao ouvir o balir das sirenes. Maravilha. Uma verdadeira maravilha. Iam fazer questão de me levar para a torre da S.I., para preencherem um relatório. A invocação de demónios não era ilegal, só muito estúpida, mas haveriam de pensar em qualquer coisa e o mais certo era que fosse uma mentira descarada.

A S.I., ou Segurança Inderland, não gostava de mim. Depois de termos deixado a sua fatela força policial, no ano anterior, Ivy, Jenks eu tínhamos sido chamados à divisão de Cincinnati com uma agradável regularidade.

Eles não eram idiotas, mas eu atraía problemas que pareciam suplicar por uma resolução violenta. O facto de a imprensa adorar publicar coisas sobre mim, nem que fosse para alimentar a animosidade e vender jornais, também não ajudava.

Minias limpou a garganta, quando nos aproximámos, e a minha mãe estacou, surpreendida. Com as mãos cruzadas, num gesto inocente, à frente do corpo, o demónio sorria. No exterior as conversas subiam de tom, face à aproximação dos carros-patrolha. Eu começava a ficar nervosa e Jenks deslizou para o interior do meu cachecol, o clipe ainda na mão. Também ele tremia, mas eu sabia que se devia ao frio, não ao medo.

— Bane o teu demónio, Rachel, para podermos ir tomar café — disse a minha mãe, como se ele fosse um incómodo, semelhante às fadas no seu jardim. — São quase seis. Vai haver fila se não nos despacharmos.

A empregada apoiou-se ao balcão.

— Chamei a S.I.! Não podem ir. Não as deixem sair! — gritou para as pessoas que assistiam mas, felizmente, ninguém entrou. — Vocês deviam estar na cadeia! Todos vocês! Olhem para a minha loja. Olhem para a minha loja!

— Mete uma rolha, Patrícia! — disse a minha mãe. — Tens seguro. — Tocando no cabelo, com um pudor fingido, virou-se para Minias. — Tens bom aspeto... para um demónio.

Minias pestanejou e eu suspirei, quando um sorriso contrito se abriu no seu rosto e a sua vénia fez com que a minha mãe estremecesse como uma rapariguinha em idade escolar. As conversas junto ao vidro partido alteraram-se e, quando olhei para a rua, na direção do som dos carros-patrolha que se aproximavam, a câmara do telemóvel de alguém disparou. *Ooooooh, cada vez melhor!*

Lambendo os lábios, virei-me para Minias.

— Demónio, exijo que partas... — comecei.

— Rachel Mariana Morgan — disse Minias, avançando para o limite da barreira e aproximando-se de tal forma que se ergueu fumo do local onde a sua túnica lhe tocou —, estás em perigo.

— Diz-nos algo que não saibamos, ranhoso — murmurou Jenks do meu ombro.

— Eu estou em perigo? — disse, trocista, sentindo-me melhor, agora que ele estava atrás de um círculo. — Céus, achas? Porque é que o Al está fora da prisão? Disseste-me que ele estava preso! Ele atacou-me! — gritei, apontando para a loja destruída. — Ele violou o nosso acordo! O que é que vão fazer sobre isso?

O olho de Minias estremeceu e um som quase inaudível foi a única indicação de que os seus chinelos se tinham movido.

— Alguém o está a invocar, libertando-o da sua prisão. É do teu interesse ajudar-nos.

— Rache — queixou-se Jenks. — Está frio e a S.I. está quase a chegar. Livra-te dele antes que nos obriguem a preencher papelada até o Sol se transformar numa supernova.

Passei o meu peso para os calcanhares. Pois. Como se eu fosse ajudar um demónio? A minha reputação já era suficientemente má.

Vendo-me pronta a bani-lo, Minias abanou a cabeça.

— Não podemos contê-lo sem a tua ajuda. Ele vai matar-te e, sem ninguém vivo para apresentar queixa, safar-se-á.

Um arrepio percorreu o meu corpo, face à certeza na sua voz. Preocupada, olhei de relance para as pessoas reunidas junto à montra, depois para a loja. Não havia muito ainda de pé. No exterior, o trânsito recomeçara o seu movimento à medida que as luzes âmbar e azuis de um carro da S.I. começavam a brincar nas paredes dos edifícios. Pousei o olhar na minha mãe e encolhi-me. Normalmente conseguia esconder dela os aspetos mais letais do meu trabalho, mas desta vez...

— É melhor ouvires o que ele tem para dizer — afirmou, chocando-me de morte e, afastando-se rapidamente, por entre o som dos saltos a bater no chão, foi intercalar a empregada que corria em direção à rua.

Um mau pressentimento apertava-me o estômago. Se Al não seguisse as regras, ia matar-me. Provavelmente depois de me ter obrigado a assistir enquanto matava todos os que eu amava. Era assim tão simples. Tinha vivido os primeiros vinte e cinco anos da minha vida graças ao instinto e, embora me tivesse livrado de muitos problemas, também me tinha metido noutros tantos. E matado o meu namorado. Por isso, embora todo o meu ser gritasse que o devia banir, inspirei fundo, dei ouvidos à minha mãe e disse:

— Está bem. Fala.

Minias afastou a atenção da minha mãe. Um lençol de eternidade desceu em cascata sobre ele, parecendo derreter a túnica amarela formal até esta assumir a forma de umas calças de ganga, um cinto de cabedal, um par de botas e uma camisa de seda vermelha. Senti o rosto gelado. Eram as roupas de Kisten de que eu mais gostava e Minias tinha-as, decerto, retirado das minhas memórias como quem tira um biscoito de um frasco. Maldito.

Kisten. A memória do seu corpo, caído junto à cama, explodiu através de mim. Senti o maxilar a tremer e cerrei os dentes. Sabia que o tinha tentado salvar. Ou talvez ele me tivesse tentado salvar a mim. Só não me lembrava de o ter feito e um sentimento de culpa deslizou pela minha alma. Tinha-o deixado ficar mal e Minias estava a usá-lo. *Demónio filho da mãe.*

— Liberta-me — disse Minias, trocista, como se soubesse que me estava a magoar. — Depois poderemos falar.

Segurei o braço direito que latejava com uma dor fantasma, ao mesmo tempo que me recordava.

— É pouco provável — disse, amargamente, ao mesmo tempo que a empregada se libertava das mãos da minha mãe, a sua voz aguda ferindo-me os ouvidos.

Minias não estava minimamente perturbado e fitava as roupas novas com interesse. Uns modernos óculos de sol espelhados surgiram-lhe na mão, por entre a névoa, e ele colocou-os, com um cuidado meticuloso, sobre a estreita cana do nariz, para esconder os olhos bizarros. O demónio fungou e eu senti-me doente ao constatar o quanto ele se parecia com um qualquer outro tipo na rua. Um tipo atraente e culto, que ficaria bem enquadrado em qualquer universidade, como um aluno de estudos pós-graduados ou, quiçá, um professor estagiário em busca de um lugar permanente. Ainda assim, a sua postura era insensível e ligeiramente desdenhosa.

— O café de que a tua mãe falou parece-me uma boa ideia. Dou-te a minha palavra de que me portarei... bem.

A atenção da minha mãe saltou para a rua ruidosa e, vendo os seus olhos a brilhar de aprovação, perguntei-me se teria herdado dela a necessidade de viver no limite. Contudo, agora eu era mais esperta e, pousando uma mão na cintura, abanei a cabeça. A minha mãe era doida. Caramba, Minias era um demónio!

O demónio olhou de relance por cima do meu ombro, na direção do som da porta de um carro a fechar e de um rádio da polícia.

— Alguma vez te menti? — murmurou de forma que só eu o poderia ouvir. — Pareço-te um demónio? Diz-lhes que sou um bruxo que te estava a ajudar a apanhar o Al e que fiquei preso no círculo por engano.

Semicerrei os olhos. Ele queria que eu mentisse por ele?

Minias inclinou-se tanto na direção da barreira de eternidade que esta zumbiu um aviso rude.

— Se não o fizeres, darei ao público aquilo que esperam. — Os olhos dele saltaram para as pessoas que se apertavam em frente à montra. — A prova de que lidas com demónios deve fazer maravilhas pela tua... notável reputação.

Hum. E depois há isso.

A porta abriu-se, fazendo tocar uma sineta. Com um grito de alívio, a empregada empurrou a minha mãe e correu para os dois agentes. Soluçando, deixou-se cair para cima deles, impedindo-os de avançar ainda mais. Restavam, no máximo, trinta segundos, depois disso ficaria nas mãos da S.I., e não nas minhas, decidir o que ia acontecer a Minias. Nem pensar.

Minias percebeu qual a minha intenção e sorriu com uma confiança enfurecedora. Os demónios nunca mentiam, mas também nunca diziam

a verdade. Já tinha lidado antes com Minias, tendo descoberto que, apesar do seu poder considerável, era um iniciado no que dizia respeito a lidar com pessoas. A sua função, durante o último milénio, fora cuidar do mais poderoso e louco habitante da eternidade. Contudo, era óbvio que algo tinha mudado. Alguém estava a invocar Al, arrancando-o da sua prisão e deixando-o livre para me matar.

Maldição. Será o Nick? Sentindo um aperto no estômago, comprimi-o com a mão fechada. Sabia que ele tinha capacidade para o fazer e tínhamo-nos separado de uma forma nada amigável.

— Deixa-me sair — sussurrou Minias. — Comportar-me-ei de acordo com a *tua* definição de certo e errado.

Olhei de relance para a loja destruída. Um dos agentes conseguira libertar-se quando a empregada apontou para nós, quase balbuciante. Outros elementos uniformizados começavam a entrar na loja, que estava a ficar apinhada. Não ia conseguir melhor contacto verbal com Minias do que aquele.

— Feito — disse, passando o pé pela linha de giz de forma a quebrar o círculo.

— Ei! — gritou um tipo de fato quando a bolha desceu. O jovem magro retirou uma varinha do cinto e apontou-a para nós. — Todos para o chão!

A empregada gritou e lançou-se ao chão. No exterior fazia-se ouvir o pânico. Saltei para a frente de Minias, as mãos erguidas e os braços afastados.

— Uou, uou, uou! — gritei. — Sou Rachel Morgan, da agência de detetives privados Encantamentos Vampíricos. Tenho a situação sob controlo. Estamos bem! Estamos todos bem! Aponte essa varinha para outro lado!

A tensão desceu um pouco e, na nova calma, reconheci o agente da S.I., ficando de boca aberta.

— Tu! — exclamei, acusatoriamente, depois sobressaltei-me quando Jenks saiu disparado do meu ombro. — Jenks, não! — gritei e todos os presentes reagiram. Ignorando as vozes que me diziam que parasse, atirei-me de forma a ficar à frente do homem com a varinha, antes que Jenks o pudesse *pixar* e eu acabasse por ser acusada de agressão.

— Maldito pedaço de trampa de fada pútrida! — gritou Jenks, voando erraticamente enquanto eu me tentava manter entre eles. — Ninguém me apanha distraído e se safar! Ninguém!

— Calma, Jenks — disse, tentando acalmá-lo e, ao mesmo tempo, manter um olho em Minias. — Não vale a pena. Não vale a pena!

As minhas palavras pareceram chegar até ao *pixy* e, com as asas a matraquear agressivamente, Jenks aceitou regressar ao meu ombro quando eu

ajeitei o cachecol e me virei para o agente da S.I. Sabia que a expressão no meu rosto era tão feia como a de Jenks. Não esperava voltar a ver Tom, ainda que, logicamente, fosse de esperar que enviassem alguém da Divisão Arcana para lidar com uma situação que envolvia demónios.

O bruxo era um agente infiltrado na S.I., trabalhando num dos lugares mais sensíveis e bem pagos da organização, ao mesmo tempo que agia como peão de um qualquer culto de praticantes de magia negra fanáticos. Sabia disto porque ele tinha cumprido o papel de mensageiro, no ano anterior, e me oferecera um lugar no culto. Logo depois de ter atordoado Jenks, deixando-o inconsciente no tablier do meu carro, a fritar ao sol. *Que idiota.*

— Olá, Tom — disse, secamente. — Como vão as varinhas?

O agente da S.I. recuou, com os olhos fixos em Jenks. O seu rosto corou quando alguém riu perante o seu medo de um *pixy* de dez centímetros. A verdade é que fazia bem em ter medo. Um ser tão pequeno e com asas podia ser letal. E Tom sabia-o.

— Morgan — disse Tom, torcendo o nariz para cheirar o ar manchado de âmbar queimado. — Não estou surpreendido. Invocar demónios em público? — O olhar dele percorreu a loja destruída e emitiu um *ts-ts* trocista. — Isto vai sair-te caro.

A minha respiração acelerou quando me lembrei de Minias e virei-me. Fiel à sua palavra, o demónio estava a comportar-se, mantendo-se imóvel enquanto todos os agentes da S.I. que entravam no estabelecimento lhe apontavam as armas, tanto mágicas quanto convencionais.

A minha mãe bufou, os saltos batendo ruidosamente no chão, enquanto avançava para ele.

— Um demónio? São loucos? — disse ela, enquanto prendia as compras debaixo do braço, para poder agarrar a mão de Minias e dar-lhe umas palmadinhas.

Fiquei petrificada de choque. Minias pareceu ainda mais surpreendido.

— Acha sinceramente que a minha filha é estúpida o suficiente para libertar um demónio do seu círculo? — continuou, com um grande sorriso. — No meio de Cincinnati? Três dias antes do Halloween? É uma máscara. Este bom homem estava a ajudar a minha filha a repelir os demónios e foi apanhado no fogo cruzado. — A minha mãe sorriu a Minias que libertou delicadamente a sua mão da dela, enrolando os dedos num punho fechado. — Não foi, querido?

Minias afastou-se silenciosamente da minha mãe. Senti um ligeiro puxão na minha consciência quando algo foi puxado da eternidade para este lado das linhas e Minias retirou uma carteira do bolso de trás das calças.

— Os meus documentos... cavalheiro — disse o demónio, dirigin-

do-me um sorriso antes de entregar a Tom aquilo que parecia ser uma carteirainha de documentos, como as que vemos nos programas sobre polícias.

A empregada deixou-se cair nos braços do primeiro agente, balindo.

— Dois deles estavam de túnica e um trazia um fato verde! Eu acho que aquele é o do fato verde. Destruíram a loja! Eles sabiam o nome dela. Aquela mulher é uma bruxa negra, todos sabem! Tem saído nos jornais e aparecido nas notícias. Ela é uma ameaça! Uma louca e uma ameaça!

Jenks eriçou-se, mas foi a minha mãe quem falou.

— Controla-te, Pat. Ela não os chamou.

— Mas a loja! — insistiu Patricia, o medo transformando-se em raiva agora que estava rodeada por agentes da S.I. — Quem é que vai pagar por isto?

— Olha — disse eu, sentindo Jenks a tremer entre mim e o cachecol. — O meu parceiro é sensível ao frio. Podemos despachar isto? Pelo que vejo, não quebrei nenhuma lei.

Tom ergueu os olhos da identificação de Minias. Franziu o sobrolho à fotografia, depois entregou a carteira a um agente bem mais velho que se encontrava atrás dele.

— Verifica a identificação — disse, simplesmente.

Sentia-me inquieta, mas Minias não parecia perturbado. Jenks beliscou-me a orelha quando Tom se colocou à minha frente e eu saí do meu estado de alheamento onírico.

— Não devias ter recusado a nossa oferta, Morgan — disse o bruxo, tão próximo que podia sentir o cheiro a pau-brasil, característico dos bruxos, que se desprendia dele. Quanto mais magia se praticava, mais forte o cheiro e Tom tresandava. Pensei em Minias e senti uma ligeira preocupação. Minias podia parecer um bruxo mas teria o cheiro de um demónio e eles tinham-me visto a libertá-lo. *Raios. Pensa, Rachel. Não reajas, pensa!*

— Por alguma razão — disse Tom, em tom baixo e ameaçador —, não me parece que o seu amigo Minias tenha cadastro. Qualquer cadastro. Como aconteceria com um demónio?

Os meus pensamentos estavam confusos e senti, mais do que vi, Minias a aproximar-se de mim.

— Estou certo que o Sr. Bansen vai constatar que os meus documentos estão em ordem — disse, e eu estremei quando senti um arrepio, arrancado pelo movimento das asas de Jenks.

— Ai caramba! Minias cheira a bruxo! — sussurrou o *pixy*.

Inspirei fundo, relaxando os ombros ao constatar que Minias não tinha o característico cheiro a âmbar queimado que se agarrava a todos os demónios. Virei-me para ele, surpreendida, e o demónio encolheu os om-

bros, movimentando ligeiramente a mão. Ainda estava fechada num punho e os meus lábios afastaram-se quando constatei que ele não abria os dedos desde que a minha mãe afastara a mão.

De olhos esbugalhados, virei-me e vi que a minha mãe sorria. Ela tinha-lhe dado um amuleto? A minha mãe podia ser louca, mas era astuta como uma raposa.

— Podemos ir? — perguntei, sabendo que Tom também estava a tentar dar-lhe uma boa cheiradela.

Os olhos de Tom semicerraram-se. Agarrando-me pelo ombro, afastou-me de Minias.

— Aquilo é um demónio.

— Prova-o. Além disso, como outrora me disseste, invocar demónios não é contra a lei.

O rosto de Tom assumiu uma expressão feia.

— Talvez não, mas és responsável pelos danos por eles realizados.

Jenks deixou escapar um queixume e eu senti o rosto a ficar gelado.

— Ela destruiu a minha loja! — uivou a mulher. — Quem é que vai pagar por isto! Quem?

Um agente da S.I. aproximou-se segurando a identificação de Minias e, enquanto Tom erguia um dedo para que eu esperasse, falou com este. A minha mãe juntou-se a mim e as pessoas no exterior lamentaram-se quando um agente as fez afastarem-se. Tom tinha o sobrolho franzido quando o homem se afastou e, incentivada pela demonstração de mau humor, sorri matreira. Ia escapar. Eu sabia-o.

— Menina Morgan — disse ele, ao mesmo tempo que afastava a varinha. — Tenho de a deixar ir...

— Então e a loja? — baliu a mulher.

— Fecha a matraca, Patricia! — disse a minha mãe e Tom fez uma careta, como se tivesse comido uma aranha.

— Desde que concorde que os demónios estavam aqui por causa de si — acrescentou — e aceite pagar os estragos — terminou, devolvendo a identificação a Minias.

— Mas a culpa não é minha. — Percorri com o olhar as prateleiras partidas e os amuletos espalhados pelo chão, enquanto tentava calcular os custos prováveis. — Porque é que tenho de pagar, se foi outra pessoa que os mandou atrás de mim? Eu não os invoquei!

Tom sorriu e a minha mãe apertou-me o cotovelo.

— Teremos todo o gosto em recebê-la na S.I. para apresentar uma queixa.

Fixe.

— Eu aceito pagar os danos. — Lá se ia o pé-de-meia para o ar condi-

cionado. — Vamos — disse, estendendo a mão para Minias. — Vamos sair daqui.

A minha mão atravessou-o. Estaquei, mas não me pareceu que alguém tivesse percebido. Olhando de relance para o seu rosto irado, acenei amargamente para que passasse à minha frente.

— Depois de ti — disse, hesitando em seguida. Não ia falar com ele no café a dois quarteirões dali. Não com os agentes da S.I. a saltitar como fadas em redor de um ninho de pardais. — O meu carro está cinco lugares mais à frente. É o descapotável vermelho e tu vais atrás.

As sobancelhas de Minias ergueram-se.

— Como queiras... — murmurou, começando a andar.

Com um ar orgulhoso e satisfeito, a minha mãe agarrou nas compras, entrelaçou o braço no meu e, como se fosse magia, os agentes que enchiam o estabelecimento afastaram-se revelando a porta.

— Estás bem, Jenks? — perguntei quando fomos atingidos pelo frio da noite.

— Vai mas é para o carro — disse e eu dei, cuidadosamente, mais uma volta com o cachecol em redor do pescoço para o aconchegar.

Tomar café com a minha mãe e um demónio. Sim, isso parecia uma boa ideia.

Dois

A PASTELARIA ERA QUENTE E CHEIRAVA A BOLOS E GRÃOS DE CAFÉ. JENKS VOOU para o ombro da minha mãe quando abri o cachecol, ainda que não o tivesse tirado pois não sabia se o meu pescoço apresentaria as marcas dos dedos de Al. Doía o suficiente para que assim fosse, é um facto. *O Al está à solta. Como é que vou controlar isto?*

Esfregando suavemente o pescoço, deixei-me ficar perto da porta, enquanto observava Minias, Jenks e a minha mãe a tomarem o seu lugar na fila. O pesado alarme de deteção de feitiços brilhava vermelho vivo — muito provavelmente em resposta a Minias — mas ninguém, naquele local apinhado, lhe prestava qualquer atenção. Faltavam três dias para o Halloween e todos estavam a experimentar os seus feitiços.

O demónio parecia alto ao lado da minha mãe que não parava quieta. A pochete de cor creme combinava na perfeição com os seus sapatos; eu devia ter herdado do meu pai o meu sentido de moda. Sabia que fora dele que herdara a minha altura, o que me tornava vários centímetros mais alta do que a minha mãe e só ligeiramente mais baixa que Minias, mesmo com as botas de salto alto. Além disso, a minha constituição atlética provinha, sem dúvida, do meu pai. Isso não queria dizer que a minha mãe fosse desmazelada, mas as recordações das tardes passadas em Eden Park e as fotografias que o meu pai tirara antes de morrer asseguravam-me que eu era tão filha do meu pai quanto da minha mãe. Fazia-me sentir bem pensar que parte dele continuava viva embora ele já tivesse desaparecido há doze anos. Tinha sido um pai maravilhoso e ainda sentia a sua falta quando a minha vida ficava fora de controlo. O que acontecia mais vezes do que gostaria de admitir. Atrás de mim, o irritante e pesado detetor de encantamentos pulsou uma última vez e ficou escuro.

Aliviada, aproximei-me de Minias, apercebendo-me de que os seus ombros tinham ficado tensos. O demónio tinha-se mantido notoriamente silencioso no carro, deixando-me com os nervos à flor da pele enquanto ocupava, rigidamente, o lugar atrás de mim, sentando-se a minha mãe de lado, no lugar do pendura, para o poder observar. A minha mãe disfarçara o seu escrutínio tentando conversar com ele, enquanto eu ligava a Ivy e deixava uma mensagem a pedir que fosse a casa de Ceri, do outro lado da rua, e lhe dissesse que Al estava de novo à solta. A ex-familiar do demónio não tinha telefone, o que começava a ser cansativo.

Esperava que a leve tagarelice da minha mãe tivesse sido um esquema para aliviar a tensão e não um sinal da sua normal mentalidade alheada da realidade. Ela e Minias já se tratavam por tu, o que eu achei uma maravilha. Ainda assim, se o demónio quisesse causar problemas, podê-lo-ia ter feito meia dúzia de vezes entre a loja de encantamentos e a pastelaria. Minias estava a demorar o seu tempo e eu sentia-me como um inseto preso num alfinete.

A minha mãe e Jenks desviaram-se ligeiramente da fila para olhar para os bolos e, quando o trio de animalomens à nossa frente acabou de pedir e se afastou, Minias avançou um passo, fitando, indolente, o menu pendurado por cima da caixa. O tipo de fato e gravata atrás de nós soprou, impaciente, ficando pálido e recuando quando o demónio o fitou através dos óculos escuros.

Minias virou-se para o empregado de balcão e sorriu.

— Um *latte* grande, duplo expresso, mistura italiana. Pouca espuma, muita canela. Use leite gordo. Nada de leites magros ou meio gordos. Leite gordo. Numa chávena de louça.

— Com certeza! — disse, entusiasmado, o miúdo atrás do balcão e eu ergui os olhos. A sua voz parecia-me familiar. — E para si, minha senhora?

— Hum — gaguejei —, um café. Normal. Mais nada.

Minias olhou para mim de lado, a surpresa nítida mesmo através dos óculos escuros e o miúdo atrás do balcão pestanejou.

— De que tipo? — perguntou.

— Não importa. — Saltei de um pé para o outro. — Mãe, o que é que tu queres?

A minha mãe aproximou-se alegremente do balcão com Jenks pousado no ombro.

— Quero um expresso de café turco e uma fatia daquele *cheesecake*, se alguém a partilhar comigo.

— Eu partilho — cantou Jenks, assustando o tipo atrás da caixa. Ainda tinha na mão a espada feita a partir de um clipe e isso fazia com que me sentisse melhor.

A minha mãe olhou para mim de relance e, quando acenei confirmando que também comeria um pouco, ela sorriu.

— É isso, então. Com garfos para todos. — Olhou timidamente para Minias e o demónio recuou quase até sair da minha visão periférica.

O miúdo olhou algumas vezes para Jenks, de relance, enquanto registava o pedido, anunciando:

— São catorze e oitenta e cinco.

— Falta mais uma pessoa — disse eu, tentando não franzir o sobrolho, e Jenks aterrou no balcão com as mãos na cintura. Odiava quando as pessoas o ignoravam. Além disso, pedir-lhe que partilhasse só porque não ia comer muito era paternalista.

— Quero um café expresso — disse ele, orgulhoso. — Simples. Mas use a mistura da casa. Aquela porcaria turca deixa-me de diarreia durante uma semana.

— Demasiada informação, Jenks — murmurei, enquanto puxava a mala para a frente. — Porque é que não nos arranjas uma mesa? Talvez num canto, sem muita gente?

— De maneira a que fiques com as costas encostadas à parede. É para já — disse, sentindo-se sem dúvida melhor no ambiente húmido e perfumado da pastelaria. Uma temperatura constante abaixo dos 4°C fá-lo-ia hibernar e, embora Cincinnati atingisse essas temperaturas de forma regular, depois do anoitecer, o tronco onde residia com a enorme família retinha calor suficiente para os manter quentes até meados de novembro. Já temia o dia em que a sua prole se mudaria para a igreja onde Ivy e eu vivíamos mas não podia permitir que hibernassem, correndo o risco de que Matalina, a sua esposa enferma, morresse de frio. Era por causa de Jenks que eu usava um cachecol; não para meu conforto.

Igualmente satisfeita com o calor da pastelaria, abri o casaco. Entreguei uma nota de vinte dólares ao rapaz, deitando de seguida o troco no frasco das gorjetas, obrigando o engratado a esperar enquanto eu escrevinhava “reunião com um cliente” no recibo e o guardava.

Virando-me, vi a minha mãe e Minias de pé, com um ar constrangido, ao lado de uma mesa encostada à parede. Jenks estava no candeeiro por cima da mesma, o pó que se soltava dele erguendo-se no ar devido ao calor da lâmpada. Estavam à espera que eu me sentasse para poderem escolher os seus lugares, por isso agarrei em alguns guardanapos e avancei na sua direção.

— Bela escolha, Jenks — disse, enquanto me esgueirava por trás da minha mãe para chegar à cadeira contra a parede. A minha mãe ocupou, de imediato, o lugar à minha esquerda e Minias escolheu a cadeira à minha direita, puxando-a para trás uns bons trinta centímetros antes de se sen-

tar. Ficava quase no corredor; aparentemente, ambos queríamos o nosso espaço. Aproveitei a oportunidade para tirar o casaco e o meu rosto gelou quando a pulseira que Kisten me dera deslizou para o meu pulso. Senti uma dor, quase entrei em pânico e não olhei para ninguém enquanto a escondia sob a manga da camisola.

Usava a pulseira porque tinha amado Kisten e ainda não estava pronta para o esquecer. A única vez em que a tinha tirado não fora capaz de a guardar na caixinha de joias, ao lado das afiadas capas a imitar dentes de vampiro que ele me oferecera. Talvez se eu soubesse quem o tinha matado, pudesse seguir em frente.

Ivy não tivera grande sorte em localizar o vampiro a quem Piscary entregara Kisten numa oferta de sangue legal. Eu tinha a certeza que Sam, um dos lacaios de Piscary, sabia quem fora, mas não. O teste do polígrafo do D.F.I. (ou Departamento Federal Inderland) — a versão gerida por seres humanos da S.I. — era bastante bom, mas o feitiço no amuleto que eu colocara em redor do pescoço de Sam, enquanto Ivy lhe “perguntava”, era ainda melhor. Ainda assim, aquela fora a última vez que eu a ajudara a interrogar alguém. A vampira viva irritada deixava-me assustada.

O facto de Ivy não estar a conseguir obter quaisquer resultados era incomum. Os seus dotes investigatórios eram tão bons como a minha capacidade de me meter em apuros. Desde o “incidente com Sam”, tínhamos concordado em deixar que fosse ela a tratar da busca; a ausência de progressos deixava-me impaciente, mas andar a encostar vampiros à parede para obter informações não era prudente. O que tornava as coisas ainda piores era o facto de a resposta estar enterrada, algures, no meu inconsciente. Talvez devesse ter falado com o psicólogo do D.F.I. para saber se seria capaz de trazer algo para a luz do dia? No entanto, Ford deixava-me apreensiva. O tipo era capaz de sentir emoções mais depressa do que Ivy as cheirava.

Sentindo-me desconfortável, observei a decoração da pastelaria apinhada. Atrás da minha mãe encontrava-se uma daquelas fotografias ridículas de bebés vestidos de frutas, flores ou algo assim. Os meus lábios abriram-se quando olhei para Jenks e, depois, para o balcão onde o rapaz, com idade para andar na universidade, atendia os clientes com uma atenção muito profissional. *Foi aqui!*, pensei, numa explosão de reconhecimento. Fora naquele mesmo café que Ivy, Jenks e eu tínhamos concordado em deixar a S.I. e passar a trabalhar como agentes independentes! O miúdo, por outro lado, parecia saber, agora, o que estava a fazer, exibindo o crachá de gerente no avental de riscas vermelhas e brancas e com vários empregados abaixo dele para lidarem com as partes piores do serviço.

— Ei, Rache — disse Jenks enquanto descia e polvilhava a minha camisola com ouro. — Não foi neste café que nós...

— Sim — disse, interrompendo-o, não querendo que Minias soubesse mais sobre a minha vida do que o necessário.

O demónio desdobrava um guardanapo de papel e pousava-o cuidadosamente sobre as calças de ganga, como se fossem de seda. Uma sensação de inquietude deslizou através de mim, enquanto recordava a noite em que decidira deixar a S.I. Embarcar de olhos fechados num serviço independente de caçadores de prémios/acompanhantes/faz-tudo das artes mágicas com uma vampira tinha sido uma das mais idiotas e uma das melhores decisões da minha vida. Estava de acordo com a opinião de Ivy e Jenks de que eu vivia de forma a manter-me no limite do desastre para poder sentir a excitação da adrenalina.

Talvez tivesse sido assim, outrora, mas já não era. Acreditar que tinha matado Jenks e Ivy numa das minhas aventuras tinha-me curado a cem por cento e a morte de Kisten tinha deixado a lição fortemente vincada. Para o provar, tinha decidido *não* trabalhar com Minias, independentemente do que ele tivesse para oferecer. Não ia repetir o passado. Podia mudar os meus padrões de comportamento. Ia mudá-los. Começando ali mesmo. *Vejam só.*

— Café pronto! — gritou o rapaz e Minias tirou o guardanapo do colo como se se fosse levantar.

— Eu vou buscar — disse, querendo reduzir ao mínimo as suas interações com as pessoas.

Minias recostou-se, sem alarido. Preparei-me para me levantar, depois franzi o sobrolho. Também não o queria deixar sozinho com a minha mãe.

— Oh, por amor de Deus — disse a minha mãe, levantando-se e pousando a pochete, ruidosamente, sobre a mesa. — Eu vou lá.

Minias tocou-lhe no braço e eu ericei-me.

— Se não te importas, Alice, trazias-me a canela? — pediu, e a minha mãe acenou, afastando-se lentamente dos seus dedos. Estava a segurar o braço quando se afastou e eu inclinei-me para Minias.

— Não toques na minha mãe — ameacei, sentindo-me melhor quando Jenks assumiu uma postura ameaçadora sobre a mesa, as asas a matraquear furiosamente.

— Alguém precisa de lhe tocar — disse Minias secamente. — Já ninguém o faz há doze anos.

— Ela não precisa de ser tocada por ti.

Recostei-me de novo, os braços cruzados à frente do corpo. O meu olhar saltou para a minha mãe, que namoriscava como uma velhota com o rapaz atrás do balcão e parei para pensar. Não se tinha voltado a casar, quando o meu pai morreu, nem sequer arranjava um namorado. Tinha plena consciência de que ela se vestia de forma a parecer mais velha e assim

manter os homens à distância. Com o corte de cabelo e o vestido certos, poderíamos passar por irmãs. Sendo bruxa, a sua esperança de vida era de cento e sessenta anos e, ainda que a maior parte das bruxas esperasse pelos sessenta antes de começar uma família, ela tivera o Robbie e eu muito cedo, abdicando de uma carreira promissora para nos criar. Talvez tivéssemos sido acidentes. Bebés fruto da paixão.

Tal pensamento fez-me sorrir, um sorriso que me forcei a abandonar quando reparei que Minias me estava a observar. Endireitei-me quando a minha mãe se aproximou com a canela e o prato com a fatia de *cheesecake*; o rapaz que nos atendera seguia-a com os cafés.

— Obrigada, Mark — disse ela, enquanto este pousava as coisas em cima da mesa e recuava um passo. — És um doce de menino.

O suspiro de Mark fez-me sorrir. Era óbvio que não ficara contente com o título. O rapaz olhou de relance para mim, depois para Jenks e os seus olhos iluminaram-se.

— Ei — disse, enquanto prendia o tabuleiro debaixo do braço. — Acho que já vos vi algures...

Encolhi-me. Por norma, quando as pessoas me reconheciam, era por se lembrarem das imagens nas notícias em que eu era arrastada, rua fora, por um demónio. O telejornal do canal local tinha-as incorporado na abertura. Um pouco como o tipo de esquís que atravessa a linha da meta aos trambolhões, na agonia da derrota.

— Não — disse eu, incapaz de olhar para ele, enquanto tirava a tampa do meu copo de café. *Ah, café!*

— Sim — insistiu ele, apoiando o peso do corpo num pé. — Tem aquele serviço de acompanhantes. Em Hollows?

Não sabia se aquilo seria melhor ou não e olhei para ele, cansada. Tinha realizado um serviço de acompanhamento, não *esse* tipo de acompanhamento, mais como segurança, uma coisa séria e perigosa. O barco onde me encontrava explodira à minha volta.

— Sim, sou eu.

Minias ergueu os olhos do café para onde sacudia a canela. Jenks riu e eu bati com o joelho na mesa para entornar o seu café expresso.

— Ei! — gritou, erguendo-se alguns centímetros e voltando a pousar, sem deixar de rir.

A porta da frente abriu-se, fazendo soar a sineta e o rapaz interrompeu o seu discurso de “é um prazer tê-los aqui” e afastou-se. Minias fora o único a ouvi-lo.

O meu café fumegava e eu curvei-me sobre ele, enquanto observava o demónio. Os seus dedos longos estavam entrelaçados em redor da chávena enorme, como se apreciasse o calor que dela se libertava e, embora não pu-

desse ter a certeza, por causa dos óculos de sol, pareceu-me que fechara os olhos ao dar o primeiro gole. Uma expressão de satisfação tão profunda que não podia ser fingida deslizou sobre o seu rosto, suavizando as suas feições e transformando-o numa personificação do prazer relaxado.

— Sou toda ouvidos — disse eu, e uma máscara de nada caiu entre nós.

A minha mãe comia em silêncio o seu *cheesecake*, os olhos saltando inquietos entre nós. Tinha a distinta sensação de que ela achava que eu estava a ser mal-educada.

— Não estou nada contente — acrescentei, fazendo com que os lábios dela se cerrassem. — Disseste-me que o Al estava sob controlo. — Ergui o copo de café e soprei. — O que é que vais fazer quanto ao facto de ter quebrado a sua palavra e vindo atrás de mim? O que achas que vai acontecer quando isto se souber?

Dei um gole, esquecendo por um momento onde me encontrava, enquanto o líquido deslizava pela minha garganta, aliviando a minha dor de cabeça e relaxando os meus músculos. Jenks pigarreou, trazendo-me de volta.

— Não terão qualquer hipótese de seduzir alguém com um acordo — disse eu, quando recuperei a concentração. — Acabaram-se os familiares. Era bom, não era? — terminei com um sorriso afetado.

Os olhos de Minias estavam fixos nas alegrias da fotografia do bebé/fruta, enquanto bebia o café, os cotovelos pousados na mesa e a caneca erguida à altura da boca.

— Este lado das linhas é muito mais agradável — disse ele, baixinho.

— Sim — respondeu Jenks. A caneca de café chegava-lhe à cintura. — O âmbar queimado agarra-se à garganta, não é?

Uma centelha de irritação tremeluziu nos olhos de Minias e um fio de tensão maculou a sua pose de ociosidade relaxada. Inspirei fundo, sentindo apenas o cheiro a café, *cheesecake* e o odor a pau-brasil característico dos bruxos. Tinha a certeza que a minha mãe lhe passara um amuleto, à socapa, e não estava nada ansiosa por descobrir o preço de um amuleto tão dispendioso que, decerto, seria acrescentado às perdas da loja. Contudo, se isso o impedisse de cheirar a demónio e causar o pânico, não me podia queixar.

— Bem, o que é que queres? — perguntei, pousando o copo. — Não tenho a noite toda.

A minha mãe franziu o sobrolho, mas Minias manteve-se calmo, recostando-se na cadeira dura e pousando a caneca gigante.

— O Al está a ser invocado da sua prisão...

— Essa parte já tínhamos percebido — disse Jenks, fungando.

— Jenks... — murmurei e o *pixy* atravessou a mesa, a espada improvisada em punho, dirigindo-se ao *cheesecake*.

— Isto nunca nos tinha acontecido — disse Minias, hesitando enquanto assimilava a atitude descontraída de Jenks. — Graças ao seu extraordinário nível de contacto com este lado das linhas, Al conseguiu que alguém o invocasse todos os dias ao pôr-do-sol. O invocador recebe o que quer e, depois, deixa-o partir sem a obrigatoriedade de regressar de imediato à eternidade. Trata-se de uma situação em que ambos ficam a ganhar.

E em que eu só tenho a perder. Os meus pensamentos saltaram para o meu ex-namorado, Nick. Jenks fitou-me por cima de um pedaço de *cheesecake* tão grande quanto a sua cabeça, obviamente a pensar no mesmo. Nick era um ladrão que tinha por hábito usar demónios como fonte de informação. Graças a Glenn, do D.F.I., tinha uma cópia do seu ficheiro na gaveta de baixo da minha cómoda. Era tão espesso que o elástico gigante quase não o conseguia manter fechado. Não gostava de pensar naquilo.

— Libertar um demónio sem a obrigatoriedade de regressar à eternidade? — consegui dizer, mantendo os olhos baixos. — Isso não é muito responsável.

— É muitíssimo inteligente. Para o Al. — Um dos cotovelos de Minias tocou na mesa quando ele bebeu mais um gole.

Estremeci, plenamente consciente de que a minha mãe nos ouvia em silêncio.

— Achas que alguém está a fazer isto para me matar? — acabei por perguntar.

Minias encolheu os ombros.

— Não sei. Na verdade, nem quero saber. Só quero que parem.

A minha mãe soprou, numa demonstração de censura, e Minias afastou o cotovelo da mesa.

— Conseguimos voltar a prendê-lo depois do nascer do Sol — disse o demónio, mantendo os olhos escondidos atrás dos óculos. — Quando as linhas se fecham ao trânsito entre planos, ele é puxado de volta para o nosso lado. Nessa altura, basta-nos usar as suas marcas demoníacas para o encontrar.

Tirei as mãos de cima da mesa, afastando com os dedos a pulseira de Kisten e sentindo o relevo da minha cicatriz. A marca de demónio tinha-me doído logo antes de Al ter aparecido e uma nova preocupação juntou-se às antigas. Fora assim que Al me encontrara. Raios. Não gostava de me sentir como um antílope com uma pulseira eletrónica.

— O Al não tem acesso a um laboratório quando se encontra sob custódia — disse Minias, voltando a atrair a minha atenção. — Pelo que só tem ao seu dispor maldições simples e fáceis de realizar, contudo é excepcionalmente hábil a usar as linhas para se deslocar.

— Bem, ele esteve na cozinha de alguém. Tem a mesma aparência de sempre e eu sei que essa não é a sua forma natural.

Não quero saber qual o seu aspeto. A sério que não.

A cabeça de Minias subiu e desceu uma vez e ele bebeu um gole de café.

— Sim — disse baixinho, ao mesmo tempo que se recostava. — Alguém o tem estado a ajudar. O facto de te ter tentado matar, esta noite, fez muito por me convencer que não és tu.

— Eu? — perguntei, atabalhoadamente. — Achas mesmo que eu trabalharia com *ele*? — Então os meus dedos, que envolviam o copo de café, ficaram fracos. Os feitiços para alterar a aparência não eram feitos numa noite. Isso significava que Al... Os meus olhos ergueram-se e desejei que Minias tirasse os óculos. — Há quanto tempo é que o Al anda a fugir da prisão?

O lábio de Minias estremeceu.

— É a terceira noite seguida.

O medo fez-me saltar e Jenks levantou voo da mesa, deixando atrás de si um rasto de pó vermelho.

— E não te ocorreu que eu talvez quisesse saber isso? — exclamei.

Num movimento suave, Minias tirou os óculos. Com o antebraço sobre a mesa, inclinou-se na minha direção.

— Estás à espera que me esforce muito? — perguntou, com a voz tensa, e eu pestanejei perante a emoção irada refletida nos seus olhos rasgados como os de uma cabra. — Não queremos saber se ele te mata ou não. Não tenho qualquer motivo para te ajudar.

— Mas ajudaste — ripostei, em tom beligerante, pensando que a raiva sempre era melhor que o medo. — Porquê?

Minias recuou de imediato e, percebendo que havia ali algo de que ele não queria falar, decidi que eu queria.

— Estava atrás do Al — disse o demónio. — O facto de ali estares foi simplesmente útil.

Jenks começou a rir e todos os olhos se fixaram nele, enquanto o *pixy* se erguia vários centímetros no ar.

— Foste despedido, não foste? — perguntou, e Minias ficou rígido.

O meu impulso inicial para protestar desvaneceu-se perante a expressão estoica no rosto de Minias.

— Foste despedido?

O demónio levou a mão à chávena enorme, quase batendo em Jenks tão rápido fora o seu movimento.

— Por que outra razão andaria atrás de Al em vez de estar a ver televisão com a Newt? — disse Jenks, esvoaçando para a segurança do meu

ombro. — Foste despedido. Corrido. Levaste com a porta. Meteram-te os papéis. Consideraram-te redundante. Foste dispensado. Mandaram-te dar de comer ao cão.

Minias voltou a pôr os óculos.

— Fui transferido — disse o demónio, com a voz tensa.

De súbito, senti medo. Muito medo.

— Não estás a tomar conta da Newt? — sussurrei, e Minias pareceu surpreendido com o meu medo.

— Quem é Newt? — perguntou a minha mãe, passando um guardanapo pelos lábios e deslizando na minha direção o que restava do *cheesecake*.

— É o demónio mais poderoso que eles têm por lá — disse Jenks, em tom gabarolas, como se tivesse algo a ver com isso. — O Minias é a ama-seca dela. A Newt é mais perigosa do que uma fada militante sob o efeito de Enxofre, para além de ter sido ela a responsável pela maldição que caiu sobre a igreja o ano passado, antes de eu a ter comprado. Nem abanou uma asa. Ela tem sérios problemas com a Rachel.

Minias refreou a vontade de fungar e eu desejei que Jenks se calasse. A minha mãe não tinha conhecimento do “incidente da blasfémia”.

— Não existem demónios fêmeas — disse a minha mãe, remexendo na pochete até encontrar um espelho compacto e o batom. — O teu pai era muito claro em relação a isso.

— Parece que estava enganado. — Agarrei num garfo mas pousei-o de imediato. Tinha perdido toda a vontade de comer *cheesecake* cerca de cinco surpresas atrás. Com um aperto no estômago, virei-me para Minias. — Então quem está a tomar conta da Newt?

O rosto do demónio perdeu toda a alegria.

— Um puto qualquer — respondeu, amuado, surpreendendo-me com a modernidade da frase.

Jenks, por seu lado, estava encantado.

— Perdeste a Newt vezes de mais e eles substituíram-te por um demónio mais novo. Oh, isso é lindo!

A mão de Minias estremeceu, os seus dedos libertando abruptamente a chávena quando a louça estalou ao de leve.

— Para, Jenks — disse, perguntando-me quanto da razão de Minias ter perdido o emprego se devia ao facto de Newt se escapar à sua supervisão e quanto se devia à incapacidade do demónio em tomar decisões imparciais no que dizia respeito à sua segurança. Já os tinha visto juntos e era óbvio que Minias gostava dela. Talvez demasiado para a prender quando ela precisava que o fizesse.

— Como é que esperam que a seduza e a obrigue a respeitar a lei ao

mesmo tempo? — rosnou. — Não pode ser feito. Malditos burocratas, não percebem nada de amor e domínio.

Seduzi-la? Arqueei as sobrancelhas, mas uma sensação gelada deslizou através de mim quando me apercebi da sua raiva e frustração. Um silêncio, espesso e desconfortável, abateu-se sobre nós fazendo com que as conversas à nossa volta parecessem mais altas. Vendo que o fitávamos, Minias obrigou a tensão a dispersar-se. O seu suspiro foi tão suave que não sabia ao certo se não o teria imaginado.

— Não se pode permitir que o Al viole as regras — disse, como se não tivesse acabado de nos revelar a dor que lhe trespassava a alma. — Se o conseguir conter, posso voltar a tomar conta da Newt.

— Rachel! — exclamou a minha mãe e eu virei-me para ela, vendo no seu rosto a familiar máscara de alheamento despreocupado. — Ele é um caçador de prémios, tal como tu! Deviam sair para ver um filme ou assim.

— Mãe, ele é um... — Hesitei. — Ele não é um caçador de prémios — disse, evitando à última da hora dizer que ele era um demónio. — E ainda menos alguém com quem queira sair.

Senti um assomo de culpa. Tinha-a levado longe de mais e ela começava a deslizar para os seus antigos comportamentos. Amaldiçoando-me, virei a atenção para Minias, desejosa de despachar aquilo e sair dali.

— Desculpa — disse, em nome da minha mãe.

O rosto de Minias continuava vazio.

— Não saio com bruxas.

Tive grande dificuldade em não me sentir ofendida, mas Jenks impediu que fizesse papel de parva, emitindo um zumbido com as asas de forma a chamar a atenção de toda a gente.

— Deixa ver se percebi tudo — disse, pairando ligeiramente acima da mesa peganhenta, com uma mão na cintura, enquanto a outra apontava o clipe forrado a plástico na direção de Minias. — Perdeste o confortável lugar de ama-seca e agora estás a tentar controlar um demónio de poder e recursos limitados. Mas não consegues?

— Não é uma questão de o controlar — protestou Minias, indignado. — Conseguimos apanhá-lo. O que não conseguimos é contê-lo depois do pôr-do-sol. Como já disse, alguém o tem invocado, fazendo-o sair da prisão.

— E não o conseguem impedir? — perguntei, pensando nas abraçadeiras de plástico encantadas que a S.I. usava para impedir que os praticantes de magia das linhas Ley usassem uma linha para fugir da sua custódia.

Minias abanou a cabeça e os óculos refletiram a luz.

— Não. Apanhamo-lo, prendemo-lo e, quando o Sol se põe, ele sai, descansado e bem alimentado. Está a rir-se de nós. De mim.

Mascrei o meu estremecimento com mais um gole de café.

— Fazes ideia de quem o possa estar a fazer?

Os meus pensamentos saltaram para Nick e o café pareceu transformar-se em ácido no meu estômago.

— Ainda não. — As botas dele roçaram no chão rugoso. — Assim que o descobrir, morrerá.

Fixe. Procurando a mão da minha mãe por baixo da mesa, apertei-a.

— Tens alguma ideia de quem o possa estar a ajudar? — perguntou Minias, em seguida, e eu obriguei-me a continuar a respirar.

Nick, pensei, mas não o disse em voz alta. Nem o diria se ele *estivesse* de facto a libertar Al para me magoar porque, se fosse o Nick, eu própria cuidaria dele. Podia sentir os olhos de Jenks fixos em mim, pedindo-me que o dissesse, mas não o faria.

— Porque é que não se veem livres do seu nome de invocação? — perguntei, procurando outras opções. — Se o fizerem, ninguém será capaz de o invocar.

A pele em redor dos olhos de Minias, visível apesar dos óculos de sol, ficou tensa. O demónio sabia que havia algo que eu não estava a dizer.

— Não se pode deitar fora uma palavra-passe. Quando a escolhes, ela torna-se parte de ti. — Minias hesitou e eu senti que se aproximavam sarihos. — Contudo, é possível trocá-la com a de outra pessoa.

A fita de tensão que me rodeava o peito apertou-o ainda mais e todas as minhas bandeirinhas de aviso se ergueram.

— Se alguém trocar de nome com ele — lançou Minias para o ar repleto de conversas —, podíamos contê-lo. Infelizmente, devido ao seu trabalho, tem-se mostrado muito relaxado com o seu nome de invocação. Existe um número impressionante de pessoas deste lado das linhas que o sabe e nenhum demónio está disposto a aceitá-lo. — Minias olhou fixamente para mim. — Não têm razão para o fazer.

Os meus dedos apertaram o copo de papel encerado; claro que já tinha percebido porque é que Minias estava sentado comigo a beber café. Eu tinha uma palavra-passe. Eu tinha um motivo para a trocar. Eu tinha um grande problema.

— Então o que é que isso tem a ver com a minha filha? — perguntou a minha mãe, a voz carregada de aviso.

O medo fizera com que ela abandonasse a imagem de cabeça-de-vento que usava para esconder os danos que a morte do meu pai causara.

Minias ajeitou os óculos para ganhar algum tempo e poder avaliar as emoções em redor da mesa.

— Quero que a tua filha troque de palavra-passe com o Al.

— Nem pensar em tal trampa de fada. — O pó que caía de Jenks era de um vermelho tão escuro que parecia preto.

— Nem pensar — ecoei. Franzi o sobrolho e afastei a cadeira.
Impávido, Minias deitou mais canela para o café.
— Então ele vai matar-te. Não quero saber.
— É óbvio que queres. Caso contrário não estarias aqui — disse eu, rispidamente. — Não podes contê-lo sem o meu nome. Não queres saber se eu vivo ou morro. É contigo que estás preocupado.
A minha mãe deixou-se ficar sentada, rígida e infeliz.
— Se ela fizer isso, tiras-lhe as marcas demoníacas? Todas elas?
— Mãe! — exclamei, não sabendo que ela tinha conhecimento das minhas marcas.
Com os olhos verdes cheios de dor, ela envolveu os meus dedos frios com os dela.
— A tua aura está imunda, querida. E eu vejo os noticiários. Se este demónio for capaz de remover as tuas marcas e purgar a tua aura, então podias pelo menos inquirir quanto às consequências ou possíveis efeitos secundários.
— Mãe, não é apenas uma palavra-passe, é um nome de invocação!
O olhar de Minias fixou-se na minha mãe com um novo interesse.
— É um nome de invocação que não tem qualquer efeito sobre ti — disse ele. — O mais certo é que não tenhas de lidar com mais do que alguns meses de chamadas destinadas ao Al.
Retirei a mão da da minha mãe, incapaz de acreditar que aquilo estava a acontecer.
— Disseste que eu tinha de descobrir um nome que ninguém conseguisse descobrir, que se alguém o descobrisse, podia tornar a minha vida miserável. Sabes quantas pessoas conhecem o nome de Al? Eu não, mas são mais do que as que conhecem o meu. — Farta daquilo, afastei-me da mesa. A cadeira raspou no chão e a vibração percorreu-me a coluna e fez-me tremer.
— A ideia é essa, bruxa — disse Minias, transformando a palavra num insulto. — Se não aceites, vais morrer. Intervim esta noite na esperança de que estivesses disposta a chegar a um entendimento, mas não o voltarei a fazer. Estou-me simplesmente nas tintas.
O medo, ou talvez a adrenalina, correram através de mim. Entendimento? Ele estava a falar de um acordo. Um acordo com um demónio. Os olhos da minha mãe fitavam-me, suplicantes, e Jenks ergueu o clipe, irritado.
— Isso é uma ameaça? — rosnou, as asas tornando-se vermelhas devido ao aumento da circulação.
— Uma constatação dos factos. — Minias pousou a chávena num gesto de encerramento. O guardanapo seguiu-se, dobrado e direito ao seu lado. — Sim ou não?
— Escolhe outra pessoa — disse eu. — Há milhões de bruxas. Decerto

alguma se mostrará mais estúpida do que eu e aceitará a proposta. Pede-lhe que escolha um nome e o troque com Al.

O demónio olhou para mim por cima dos óculos.

— Só existem dois bruxos deste lado das linhas cujo sangue é capaz de manter um laço suficientemente forte. Sim ou não?

Oh, voltamos à história da magia demoníaca. Que maravilha.

— Então usa o Lee — disse, amargamente. — Ele é estúpido.

Para além de agressivo, ambicioso e agora louco, devido aos meses que passara como familiar de Al antes de eu o ter salvo. Mais ou menos. Deus, não era de admirar que Al me odiasse.

Minias suspirou e cruzou os braços sobre o peito. Um ténue cheiro a Enxofre fez-me cócegas no nariz.

— Ele tem um laço demasiado próximo com o Al — disse o demónio, o olhar fixo na chávena de louça aninhada nas suas mãos. — Recusa-se a fazê-lo. Já perguntei. O tipo é um cobarde.

Senti o pescoço a ficar rígido.

— E se o bom senso me levar a responder não, também serei uma cobarde?

— Não podes ser invocada — disse ele, como se eu estivesse a ser voluntariosa. — Porque é que estás relutante?

— Al ficaria a saber o meu nome. — A simples ideia fez-me acelerar a pulsação.

— Tu sabes o dele.

Por um breve instante considerei a questão. Depois a imagem de Kisten veio-me à memória. Não podia arriscar. Não outra vez. Aquilo não era um jogo e não havia nenhum botão de *reset*.

— Não — disse, abruptamente. — Assunto encerrado.

Os ombros da minha mãe relaxaram e os pés de Jenks tocaram na mesa. Eu estava tensa, perguntando a mim mesma se aquela trégua perderia, agora que eu tinha dito não, ou se ele regressaria à sua normal mentalidade demoníaca e destruiria o café, bem como o que restava da minha reputação. Contudo, Minias terminou o café com um último gole, erguendo a mão e fazendo um gesto ao empregado para que este lhe preparasse outro para levar. O demónio levantou-se e eu deixei escapar a respiração que mantivera presa.

— Como queiras — disse Minias, pegando na canela e deixando-se ficar ao lado da mesa. — Não aparecerei convenientemente para te salvar a vida uma segunda vez.

Estava desejosa de lhe dizer onde podia enfiar a sua conveniência, mas Al *ia* aparecer de novo e, se pudesse chamar Minias para o vir buscar, as minhas hipóteses de sobrevivência tornar-se-iam maiores... pensava eu.

Não tinha de aceitar a oferta de Minias, bastava-me sobreviver até descobrir quem estava a invocar Al e lidar pessoalmente com essa pessoa. A invocação de demónios não era ilegal, mas o choque repetido entre o meu pé e o estômago do invocador talvez fosse suficiente para o convencer de que se tratava de uma péssima ideia. E se fosse o Nick? Bem, tratar-se-ia de um verdadeiro prazer.

— E se eu ficar a pensar nisso? — perguntei, e a minha mãe dirigiu-me um sorriso nervoso e deu-me uma palmadinha no braço. *Estão a ver, também consigo usar o cérebro.*

Minias sorriu, como se conseguisse ver através de mim.

— Não penses demasiado — disse, aceitando o copo de papel que o rapaz lhe estendia. — Fui informado de que o apanharam na Costa Oeste a tentar viajar à boleia da sombra da noite até amanhã. A mudança de comportamento indica que tem tudo o que precisa e que só lhe falta implementar o seu plano.

Recusei-me a mostrar o meu medo, não engolindo embora sentisse a boca seca.

Minias inclinou-se na minha direção, o cheiro a âmbar queimado forte na minha imaginação, quando a sua respiração me agitou o cabelo.

— Estarás em segurança até que o Sol se volte a pôr amanhã, Rachel Mariana Morgan. Caça depressa.

Jenks ergueu-se nas suas asas de libelinha, obviamente frustrado, ainda que se mantivesse fora do alcance de Minias.

— Porque não matas o Al de uma vez?

Enfiando o recipiente de canela num bolso do casaco, Minias encolheu os ombros.

— Porque há cinco mil anos que não nasce um demónio. — Hesitou, depois abanou o braço fazendo com que o amuleto deslizesse da manga e caísse nos seus dedos. — Obrigado, Alice, por me deixares usar o teu amuleto. Se a tua filha tiver metade da tua mestria, fará uma excelente familiar.

Tinha sido a minha mãe a fazê-lo?, pensei. *Não se limitara a invocar um amuleto roubado?*

O cheiro enjoativo a âmbar queimado deslizou sobre mim e a minha mãe corou. Era óbvio, pelos protestos das pessoas que nos rodeavam, que também se tinham apercebido do fedor e Minias dirigiu-me um sorriso vazio por detrás dos óculos espelhados.

— Se não te importas de me banir?

Tinha-me esquecido por completo.

— Oh, claro! — balbuciei, enquanto as pessoas se viravam tapando os narizes com as mãos e queixando-se. — Hum, demónio, exijo que partas e regresses diretamente para a eternidade, não nos voltando a perturbar esta noite.

Com um aceno, Minias desapareceu.

As pessoas que se encontravam atrás dele arquejaram e eu abanei uma mão.

— Professor universitário atrasado para uma aula — menti, e elas viraram-me as costas, rindo do meu medo e ignorando o fedor como uma partida de Halloween.

— Deus te ajude, Rachel — disse a minha mãe, séria. — Se é assim que tratas os homens, não é de admirar que não sejas capaz de manter um namorado.

— Mãe, ele não é um homem. É um demónio! — objetei, baixinho, silenciando-me quando a vi guardar o amuleto no bolso.

Era óbvio que os feitiços para alisar o cabelo não eram a única coisa que negociava com Patricia. Os amuletos contra odores não eram difíceis de fazer, mas um suficientemente forte para bloquear o fedor de um demónio era muitíssimo inusitado. Que belo nicho de mercado! Talvez ela se estivesse a especializar em amuletos que mais ninguém se dava ao trabalho de fazer para evitar a concorrência — e os consequentes processos em tribunal — de fazedores de feitiços com licença irritados.

— Mãe, em relação aos amuletos que tens estado a fazer para a Patricia — disse, mantendo os olhos fixos no meu café.

Jenks ergueu-se no ar e a minha mãe soprou, irritada.

— Nunca vais conseguir encontrar o Sr. Certo se não começares a brincar com o Sr. Disponível — disse, empilhando tudo sobre o seu prato. — É óbvio que Minias é o Sr. Nunca, mas podias ter sido um pouco mais simpática.

Jenks encolheu os ombros e eu suspirei.

— Reparei que ele não se ofereceu para pagar a conta, não foi? — terminou a minha mãe.

Bebi mais um pouco de café e agarrei na mala para me levantar. Queria ir para casa, para a minha igreja santificada, antes que aparecessem mais demónios com pedidos desagradáveis. Já para não dizer que queria falar com Ceri. Ter a certeza que Ivy lhe contara que Al andava à solta.

Enquanto seguia, lentamente, Jenks e a minha mãe até ao caixote do lixo e à porta da rua, os meus pensamentos saltaram para a revelação de Minias quanto ao facto de não nascerem novos demónios há cinco mil anos. Minias tinha, pelo menos, cinco mil anos e tinha recebido ordens para controlar e seduzir um demónio fêmea? E porque é que não havia novos demónios? Seria por restarem tão poucas fêmeas ou porque ter relações com uma se poderia revelar mortífero?